

# O ROMANCEIRO EM PORTUGAL (1960–2007)<sup>1</sup>

*Pere Ferré*  
*Universidade do Algarve*

*In memoriam Diego Catalán Menéndez Pidal (1928–2008)*

## I. NOVAS FOCALIZAÇÕES NO ROMANCEIRO PAN-HISPÂNICO

### *O lugar da Tradição Oral Moderna em Menéndez Pidal*

É, hoje em dia, completamente inquestionável que a Ramón Menéndez Pidal se deve a construção do edifício teórico dos estudos sobre o Romanceiro. Independentemente do acerto de algumas das proposições da escola individualista, o magistério pidalino — e a sua escola — foi dando resposta a perguntas formuladas tanto sobre as origens e transmissão da balada hispânica, como do seu hipotético período de formação ou ainda sobre a interrelação com outros géneros. Formado no rigor da Filologia, D. Ramón deixou — quando morreu em 1969 — um grandioso legado à posteridade: os alicerces para o estudo da épica, da cronística e do romanceiro medievais.

Menéndez Pidal, fiel ao seu tempo, recorrera a uma metodologia historicista. Só deste modo conseguira edificar o seu tradicionalismo; só desta forma pudera propor uma resposta à questão das origens e datação do género; só por esta via restaurara os textos perdidos, baseado em ‘ruínas’ encontradas na tradição; só por processos filológicos de ‘fixação’ textual, assentes em testemunhos vários, se pudera ver o documento, exumando-o das múltiplas camadas dos mais diversos textos. Com uma linguagem tomada da arqueologia, da crítica textual, da ecdótica; com uma pesquisa plural, em fontes tão diversas como a épica medieval, a historiografia, a poesia cancioneril de 1500, a dramaturgia dos séculos XVI e XVII, sem esquecer a memória colectiva, tão diversa quanto una na extensão territorial e na extensão temporal, fornecera-nos D. Ramón a base para a compreensão de um dos mais fascinantes e enigmáticos géneros: o Romanceiro. É pois necessário não perder de vista o objectivo traçado. Tudo se encaminhara para um

fim: o restauro científico das 'origens' a partir, como é lógico, das amostragens existentes. Por ventura nunca foi para ninguém tão importante a tradição moderna como para Menéndez Pidal, sempre que dela dependesse a descoberta do 'original'. Assim, a sua função era completamente ancilar.

Mas, após esta imprescindível etapa, uma nova dimensão crítica—que coincide, mais ou menos, com a morte de D. Ramón—despontará no seio do próprio tradicionalismo: estudar esse objecto que, amiúde, permitiu a reconstrução do velho romance, ou seja, a tradição oral moderna.

*A década de 60: enunciação de um processo de mudança?*

Ao entrarmos em pleno na década de sessenta, quatro autores assumirão a responsabilidade principal pela inovação das pesquisas na balada peninsular: Braulio do Nascimento<sup>3</sup>, Giuseppe Di Stefano<sup>4</sup>, Paul Bénichou<sup>5</sup> e Diego Catalán<sup>6</sup>. Como várias vezes foi assinalado, esta simultaneidade correspondeu a uma sintonia epocal: nenhum deles se conhecia, e todos eles enfatizaram a dimensão 'criativa' da tradição oral, ainda que por vias e teorias bem diferenciadas.

Bénichou, no histórico prefácio a *Creación*, recorda que "El concepto de tradición, tal como lo fueron definiendo, desde hace medio siglo, con relación a la epopeya y el romancero castellanos, los magistrales trabajos de don Ramón Menéndez Pidal, tiene dos aspectos que han preocupado en grado desigual, hasta ahora, a los investigadores. La crítica española utilizó principalmente el concepto de tradición para remontar el curso del tiempo. Se valió de las crónicas y el romancero viejo para restituir las gestas perdidas, de las versiones modernas de romances para restablecer la tradición romancística antigua en su integridad."<sup>7</sup> Por essa razão, concluirá este investigador nesse mesmo estudo: "Su labor fue principalmente, en el sentido más alto de la palabra, arqueológica: se propuso, con éxito, resucitar y fijar en su belleza las obras maestras de la épica castellana en sus últimos tiempos."

Bénichou considerou ser muito mais vantajoso olhar para as "virtualidades creadoras que encierra, en cada momento, la transmisión oral"<sup>8</sup> equiparando o conceito de *Tradição* a *Criação*. E, deste modo, sem esquecer os antecedentes de cada versão—os textos vivem na História—a tradição oral deveria ser valorizada por si própria e não como mero decifrador do passado.

Sobre a importância da tradição oral moderna pronunciar-se-ão também Di Stefano e Nascimento. O primeiro entenderá que cada versão publicada de um romance é uma estrutura autónoma, filha de um tempo e de uma estética. Reagindo contra o excesso do historicismo tradicionalista, convoca o seu olhar crítico para essas entidades que, uma vez autonomizadas, alcançam o estatuto de 'poema'. Por sua vez, Nascimento, recorrendo a métodos quantitativos, debruçar-se-á sobre os índices de variação de um tema, tendo em conta a variação do seu léxico—diríamos o discurso—e a variação da sua estrutura temática—ou seja, a intriga e a fábula. Provará, estudando a tradição brasileira de "O veneno de Moriana", que enquanto a estrutura verbal tem índices de variação elevados, a sua estrutura temática é pouco dada à transformação. Com esta metodologia inovadora, Braulio do Nascimento postulará que a sobrevivência de um romance dependerá da sua capacidade de adaptação aos novos tempos, ou seja, a variação é o garante da sua própria existência<sup>9</sup>.

Sem conhecer os trabalhos de Nascimento, quatro estudantes graduados orientados por Diego Catalán na Universidade de Wisconsin, em 1969, efectuaram uma investigação em que tentaram "una caracterización literaria del Romancero tradicional mediante el estudio de 363 versiones de 18 romances distintos. Por una parte trataron de observar toda una serie de 'caracteres de los poemas tradicionales'; por outra examinaron dinámicamente 'la creación poética de la tradición' comparando las versiones modernas com sus antecesoras del siglo XVI (...). A pesar de sus naturales diferencias, este trabajo escolar nos reveló algunas 'tendencias' estilísticas del Romancero oral."<sup>10</sup> Recordemos que os resultados deste trabalho conduziram Diego Catalán a preparar, desta vez na Universidade da Califórnia (San Diego), no ano seguinte, "un programa de análisis de la estructura de los romances tradicionales con ayuda de una 'computadora electrónica'. El propósito del nuevo programa era, por un lado, describir la 'lengua' (...) del romancero; por otro, examinar cómo se reproducen los poemas, esto es, comparar las 'estructuras' genéticamente emparentadas y tratar de descubrir en qué consiste la interacción de la herencia y el ambiente."<sup>11</sup>

Processou-se assim uma curiosa revolução nos estudos romancísticos: de escrava da tradição antiga, passará a tradição moderna a ser estudada com plena autonomia, ficando para primeiro plano a tentativa de compreensão da sua Poética.

## II. O ROMANCEIRO PORTUGUÊS A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

*O fim de um ciclo: a publicação do 'Romanceiro Português' de Leite de Vasconcelos*

Em 1957, Diego Catalán apresentou, em Lisboa, uma comunicação com o objectivo de chamar a atenção da crítica para o Romanceiro português. E assim, esboçou, num conjunto de linhas, algumas considerações sobre o pioneirismo da recolha em território português ("Cuando aún en Castilla no se había transcrito el primer romance de la tradición oral moderna, ya Portugal contaba com magníficos Romanceros, fruto del entusiasmo de la primera generación romántica por la poesía narrativa que hundía sus raíces en la Edad Media"), e o rigoroso cuidado editorial posto nalgumas obras ("El reverencial cuidado con que, hace algunos años, se editó el magnífico *Romanceiro Português* póstumo de Leite de Vasconcelos"); no entanto, não pôde deixar de lamentar que "al gran entusiasmo del siglo XIX sigue en Portugal un desinterés casi absoluto por el romancero, precisamente cuando en España, gracias a Menéndez Pidal, se emprendía, al fin, una exploración sistemática de la tradición oral."<sup>12</sup>

Nesse já longínquo ano de 1957, Catalán recordava a imperiosa necessidade—reiterada em muitas outras ocasiões—de acometer à recolha sistemática de romances, em Portugal, com a máxima urgência, por duas razões principais, a saber:

- a) a possibilidade de encontrar temas ainda inéditos ou, ainda
- b) para poder decifrar "misteriosas versiones fragmentarias o contaminadas"<sup>13</sup>.

O enorme destaque dado ao Romanceiro, tanto por românticos como por positivistas, durante o século XIX, que o encaravam como peça literária de remota antiguidade e de valor transcendental para a compreensão do fenómeno literário, transformou-se, até quase aos finais da primeira metade do século XX, em actividade meramente marginal, dedicada a promover, em muitos casos, notas etnográficas de escasso valor científico<sup>14</sup>.

De facto, pouco se acrescentou, ao longo da primeira parte de novecentos, àquilo que já fora editado ou projectado no século anterior. Independentemente do juízo que hoje podemos fazer

sobre alguns dos trabalhos feitos nessa época, as contribuições de Garrett<sup>15</sup>, Teófilo Braga<sup>16</sup>, Estácio da Veiga<sup>17</sup>, Rodrigues de Azevedo<sup>18</sup>, Tomás Pires<sup>19</sup>, Leite de Vasconcelos<sup>20</sup>, não foram superadas pelos seus imediatos sucessores. Durante este período a chamada literatura popular encontrará no poder então estabelecido, principalmente a partir das comemorações de 1940, um campo fértil para especulações de carácter nacionalista, ficando deste modo relegada a panfletárias posições de propaganda étnica. Por seu turno, nas universidades, a inclusão de versões romancísticas em teses de licenciatura de dialectologia, defendidas, principalmente, nas décadas de cinquenta e sessenta, não significou uma mudança assinalável no interesse pelo género pois, movidos por outros intuitos científicos, estes estudantes, seguindo um modelo consagrado na época, elaboravam as suas dissertações incluindo o Romanceiro apenas como peça complementar dos seus trabalhos<sup>21</sup>.

Entre 1958 e 1960, o Romanceiro póstumo de José Leite de Vasconcelos sai dos prelos de Coimbra, em dois volumes. A data escolhida é óbvia: em 1958 comemorava-se o primeiro centenário do nascimento de Leite. Orlando Ribeiro abria o livro. Um conjunto de colaboradores—Manuel Viegas Guerreiro, Luís Filipe Lindley Cintra, Maria Aliete Farinho das Dores, António Machado Guerreiro, Maria Ilda Andrade (então já falecida) e Maria Manuel Sacarrão—ocupava-se da edição. A organização geral coube ao primeiro; Cintra ordenou e classificou os romances—a sua presença em Madrid e o trabalho realizado com Menéndez Pidal deram-lhe conhecimentos para levar esta tarefa a cabo—e Maria Aliete F. das Dores [Galhoz], identificou e classificou as variantes bem como elaborou umas excelentes—para a época—fichas bibliográficas. Ramón Menéndez Pidal, profundo conhecedor deste Romanceiro leitiano, graças a Lindley Cintra, escreveu um histórico prefácio—aliás o texto que ele apresentara ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros em Setembro de 1957.

Esta emblemática obra—louvada, como vimos, por Diego Catalán—lança um duplo olhar: para o passado, rememorando um autor maior no seu centenário, e para o futuro, legando materiais inéditos aos vindouros. Ao mesmo tempo, com a edição deste Romanceiro parece encerrar-se também o fim de um processo de recolha: os gravadores já se vislumbram.

*Joanne B. Purcell: a recolha sistemática*

Será um marco de viragem, para a história do Romanceiro português, o nome de Joanne Purcell. Na década de 60, na Califórnia, começou esta professora norte-americana a recolher entre emigrantes portugueses aí residentes. Após esta tarefa pioneira, realizada em 1966, decide vir a Portugal para, entre Fevereiro de 1969 e Setembro de 1970, recolher nos Arquipélagos da Madeira e dos Açores e no Continente (no Alto e Baixo Alentejo, Beiras e Trás-os-Montes). "Ao regressar aos Estados Unidos, tinha mais de 200 bobines gravadas, a maioria das quais—cerca de 145—nas Ilhas dos Açores, sem contar com grande número de registos efectuados na Califórnia, primeiro, e mais tarde na Nova Inglaterra, onde a esmagadora maioria dos informantes era também originária das Ilhas."<sup>22</sup> Para além do rigor e vastidão da sua colecta, Joanne Purcell encontrará, no Arquipélago da Madeira, o ainda inédito, na tradição portuguesa, romance de "O Cid e o Conde Lozano", tema derivado do poema épico medieval castelhano *Las mocedades de Rodrigo*. Entre muitos outros importantíssimos textos, por ela recolhidos, destaco ainda o raríssimo romance de "A Morte do Rei D. Fernando o Magno" ao qual, aliás, dedicou a sua tese de doutoramento<sup>23</sup>. Não será alheio a esta nova forma de trabalhar o contacto com Samuel G. Armistead, seu orientador que empreendera com Silvermann um trabalho paralelo para a tradição sefardita.

Com esta estudiosa, falecida em 1984, o estudo e a recolha do Romanceiro em Portugal, como acima disse, anuncia um conjunto de novos princípios. Com ela, deu-se início a uma nova etapa na pesquisa de campo, ficando provado, pelo sucesso deste trabalho, que i) a tradição portuguesa estava viva, ii) podia ainda esconder algumas surpresas, iii) o conhecimento do objecto de estudo era fundamental para uma boa recolha e iv) o auxílio de meios electrónicos facilitava enormemente a colecção. Por seu turno, Purcell exemplificou de forma cabal que a continuação das recolhas para aprofundar a investigação científica era indispensável. A sua tese de doutoramento provou a importância da sua pesquisa de campo: as novas versões exumadas na tradição portuguesa permitiram-lhe melhor estudar um tema registado pela épica, pelas crónicas, pelo romanceiro antigo e pelas memórias da tradição moderna.

Infelizmente, o seu labor só frutificou, em Portugal, na década de oitenta, encontrando-se ainda a maior parte da sua obra

inédita. De facto, o primeiro tentame de divulgação das suas pesquisas foi feito sob os auspícios do ‘Seminário Menéndez Pidal’, publicando-se, então, todas as versões dos romances de tema épico castelhano e francês e histórico peninsular<sup>21</sup> e alguns temas dos designados romances cavalleirescos (“Conde da Alemanha”, “A Infantinha”, “O Cavaleiro Enganado” e o “Conde Alarcos”). Neste livro<sup>25</sup> incluíam-se 3 versões recolhidas em Portugal Continental. O segundo, mais recente, teve como protagonista Luiz Fagundes Duarte, então com responsabilidades culturais no Governo Regional dos Açores. A seu pedido, Samuel G. Armistead, detentor legal deste espólio—com a colaboração de Cristina Carinhas, Pere Ferré, Manuel da Costa Fontes e Isrtael J. Katz—decidiu acometer a tarefa de, finalmente, se dar a conhecer este riquíssimo legado<sup>26</sup>.

*A importante influência de Costa Fontes no Romanceliro português*

As investigações de campo de Manuel da Costa Fontes, actualmente a desempenhar funções docentes na Universidade de Kent (Ohio), começaram em 1970, entrevistando emigrantes portugueses residentes na Califórnia. Começou Fontes, tal como Joanne B. Purcell, a recolher entre os emigrantes portugueses radicados na América do Norte. Assim, como ele próprio nos informa, “Este *Romanceliro* começou em 1970, graças a um curso ensinado por Arthur L.-F. Askins na Universidade da Califórnia, Berkeley (...). Aconselhado pelo Prof. Askins, comecei a procurar mais informadores em Tracy e localidades vizinhas. A recolha, levada a cabo intermitentemente, em fins de semana e outras ocasiões propícias, continuou até 1975<sup>27</sup>.” Segue-se a esta pesquisa a prospecção, em 1977, na ilha de São Jorge, retomando, no ano seguinte, as suas pesquisas entre a emigração portuguesa dos Estados Unidos (Nova Inglaterra) e Canadá. Finalmente, em 1980 deslocar-se-á a Portugal continental e do distrito de Bragança publicará a que até agora é, de entre as divulgadas, a maior colecção de romances de um só distrito.

A ele ficamos a dever um ciclópico trabalho coleccionador, cujos frutos renderam, até agora, os seguintes títulos principais: *Romanceliro Português do Canadá* (1979), *Romanceliro Português dos Estados Unidos. I: Nova Inglaterra* (1980), *Romanceliro Português dos Estados Unidos. II: Califórnia* (1983), *Romanceliro da Ilha de São Jorge* (1983) e *Romanceliro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)* (1987), em dois volumes<sup>28</sup>.

Mas também a Fontes se devem alguns estudos que são verdadeiras referências para o conhecimento do Romanceiro Pan-Hispânico e, obviamente, para o aprofundamento da tradição portuguesa. Os seus estudos são marcados pelas teorias da escola tradicionalista seguindo muito de perto as posições de Samuel G. Armistead. As suas contribuições para o Romanceiro transcendem em muito o estudo da tradição portuguesa percorrendo também a tradição antiga e a tradição sefardita. Bom exemplo do que acabo de afirmar é o seu livro *Folklore and Literature*<sup>29</sup>.

Contudo, deve-lhe a tradição de expressão portuguesa uma obra—com paralelo apenas no Romanceiro galego<sup>30</sup>— de magna importância para Portugal e para o Brasil, mas indispensável também para os estudiosos da baladística internacional<sup>31</sup>. Sobre esta obra escreveu Suzanne H. Petersen:

Magnífica contribución a nuestro conocimiento del romancero en lengua portuguesa, este catálogo-índice abarca lo siguiente: primer volumen, una muestra de cada romance conocido en la tradición moderna acompañada por las claves alfa-numéricas de tres sistemas de clasificación, los motivos de Aarne Thompson, un resumen en inglés y la bibliografía del tema, y, en el segundo volumen, 1) una amplia selección de 379 transcripciones musicales de cien romances, seleccionadas o preparadas por Katz para ejemplificar la gran variedad musical que el corpus de romances ofrece, 2) una muy amplia bibliografía del romancero pan-hispánico y 3) diecisiete índices que facilitan el manejo de la colección y el estudio del género por especialistas y estudiosos de cualquier rama de la tradición moderna. Entre ellos figuran índices de correspondencias con el sistema de clasificación de SGA del romancero sefardí, y con el del Índice General del Romancero (Catálogo General del Romancero), una tabla que registra la distribución pan-hispánica y luso-brasileira de los temas, un índice de correspondencias con el cuento popular y otro que establece correspondencias con las tradiciones pan-europeas (Samuel G. Armistead), así como listas que establecen la correspondencias entre los títulos de romances en varios idiomas (inglés, pan-europeo varios, portugués y español. Por desgracia, también en esta ocasión ha sido necesario implementar un nuevo sistema de clasificación de los romances que, si bien en lo esencial respeta las letras que usa Armistead para clasificar el romancero sefardí en el Archivo Menéndez Pidal, no deja de introducir una nueva complicación para quien busca relacionar un corpus con otro. Pero con abundantes índices de correspondencias el autor reduce a un mínimo el inconveniente.<sup>32</sup>



O trabalho de campo de Costa Fontes no Canadá marcou uma nova geração que, por volta de 1979, iniciava as investigações no Romanceiro português; e marcou de tal forma que: i) no ano seguinte, dois assistentes da Faculdade de Letras de Lisboa, após contacto com o 'Seminario Menéndez Pidal', participavam no "Primer Cursillo Teórico Práctico sobre investigación del Romanceiro oral", em Segóvia, de onde partiram, com equipas dirigidas por Diego Catalán, para recolher nas Astúrias e Leão; ii) a inclusão de uma sumária classificação, baseada numa classificação feita por Samuel G. Armistead<sup>33</sup>, incluída no volume do Canadá, promoveu o início de uma profunda pesquisa que, ao fim de vinte anos, cumpriu o propósito almejado, graças à divulgação feita por Fontes. Refiro-me à inventariação do Romanceiro português édito (1828–2000), criação do respectivo arquivo, publicação de uma bibliografia geral e divulgação dos materiais publicados entre 1828 e 1960<sup>34</sup>.

*A Revolução de Abril e a investigação a partir dos anos 80:  
Pinto Correia, Galhoz e Ferré*

Fruto das transformações operadas pela revolução de Abril de 1974—a criação de algumas disciplinas na instituição universitária e a publicação de algumas obras problematizadoras do lugar de alguns textos no sistema literário<sup>35</sup>—é dado espaço para o renovo do interesse pelo Romanceiro e o seu consequente estudo. Certo é que, em Espanha, devido a um sentimento de pertença, para o qual algumas das concepções de Menéndez Pidal foram decisivas, o Romanceiro sempre fora incluído no cânone académico; mas, talvez seja bom recordá-lo, as versões da tradição oral moderna dele eram excluídas por serem consideradas corrupções da velha balada hispânica<sup>36</sup>. Em Portugal, por seu turno, dado o escassíssimo número de textos do romanceiro velho escritos em português, raras vezes era mencionado, o mesmo ocorrendo ao recolhido na tradição oral moderna, excepção feita às celebérrimas versões garretianas, presentes nos livros escolares da educação primária. Com este novo panorama, a chamada literatura popular passou a ter assento na Universidade, sendo-lhe permitido um desenvolvimento paralelo ao de outras áreas do saber<sup>37</sup>.

É neste ambiente de renovação e procura que, no final da década de 70, na Faculdade de Letras de Lisboa, se desenham algumas das novas correntes de estudo do Romanceiro. João

David Pinto Correia, inserido nos princípios metodológicos da Escola Semiótica de Paris, procura centrar-se “na análise da significação narrativo-dramática própria dos romances, problematizando e aprofundando a articulação dos níveis e componentes de conteúdo” tentando também aplicar “à significação dos romances, modelos previamente construídos”<sup>38</sup>. Como director do ‘Centro de Tradições Populares Manuel Viegas Guerreiro’ desenvolve as suas investigações, a fim de prosseguir as pesquisas deste discípulo de Leite de Vasconcelos; como director, também, da nova série da prestigiosa *Revista Lusitana*, assegurou os números 16 a 21. Sentindo a necessidade de dar a conhecer versões da tradição moderna inseridas em obras de difícil acesso, editou em 1984 uma antologia do Romanceiro Português, que refunde e corrige em 2003<sup>39</sup>.

Colaboradora do mesmo centro e profícua investigadora do então ‘Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa’, ao qual também pertenceu Pinto Correia, Maria Aliete Galhoz, a quem já me referi, destacando o seu excelente trabalho na edição do romanceiro póstumo de Leite, dedicou-se, neste género, a divulgar as colecções depositadas nesse centro de investigação bem como as versões presentes em 30 teses de licenciatura dirigidas por Lindley Cintra na Faculdade de Letras de Lisboa—apenas uma delas, de 1948, não teve este professor como orientador. Incluem-se ainda nesta obra textos coligidos por Viegas Guerreiro, Lindley Cintra, Isabel Cepeda, Maria Aliete Galhoz, António Machado Guerreiro, Alda e Paulo Caratão Soromenho e as recolhidas do ‘Serviço Cívico Estudantil’, compiladas em 1975, bem como versões de Giacometti gravadas entre 1963 e 1973<sup>40</sup>. Importantes são também os romances recolhidos em Loulé e por ela, recentemente, divulgados<sup>41</sup>. A Maria Aliete Galhoz devemos um constante e laborioso trabalho no campo da edição, como vimos, bem como um esforço em destrinçar os difíceis limites entre o romanceiro religioso e algumas orações tradicionais.

Também no final da década de 70 dei início à minha relação com a balada peninsular, incluindo, primeiro, o Romanceiro em programas de literatura medieval e assegurando, depois, a leccionação da disciplina de Literatura Oral e Tradicional, durante a dispensa de serviço de Pinto Correia—que fora o primeiro a assegurá-la na Universidade de Lisboa.

Dispunham, então, os estudiosos do Romanceiro português de

graves lacunas, isto é: i) para além das fichas bibliográficas incluídas por Galhoz no Romanceiro de Leite, pouco mais havia; ii) desconhecia-se o corpus temático do Romanceiro português; iii) dispúnhamos de pouquíssimas versões de algumas áreas geográficas; iv) as diferentes designações propostas para cada romance confundiam os estudiosos; v) as grandes obras de referência do Romanceiro português encontravam-se esgotadas.

Tendo incluído, na bibliografia da disciplina que então leccionava, o livro de Costa Fontes dedicado ao Canadá<sup>42</sup>, encontrei nele um primeiro embrião para a uniformização da classificação do Romanceiro português que pretendia e que utilizei nos primeiros tempos das minhas pesquisas. Com a colaboração dos meus alunos, fui organizando um ficheiro onde se fotocopiavam todas as versões romancísticas encontradas para, depois, serem agrupadas por temas.

Em 1980, com Ana Maria Martins, participei num curso teórico-prático dedicado ao Romanceiro, assegurado pela 'Cátedra-Seminario Menéndez Pidal' de Madrid. Nesse interessante curso pude constatar a excelente saúde de um género que muitos já tinham enterrado. Do mesmo modo, verifiquei as vantagens de uma recolha sistemática e especializada; por fim, numa visita à casa de Ramón Menéndez Pidal—hoje sede da Fundação com o mesmo nome—tomei as devidas notas para aplicar o tipo de inventariação e classificação utilizados por Menéndez Pidal<sup>43</sup>.

Tentando, então, responder aos problemas que o Romanceiro me colocou, há precisamente trinta anos, preparei uma série de projectos—só alguns deles pude levar até ao fim—que deram resposta a algumas dessas questões. Infelizmente, durante os primeiros anos de pesquisa, o difícil acesso à informática atrasou muito os trabalhos. Só nos finais da década de 90 pude dar um enorme impulso a muitas das tarefas empreendidas graças à trivialização dos computadores e à existência, no mercado, de excelente *software*. Entretanto, o trabalho realizado desde 1980 com Catalán e a contínua e sistemática colaboração com os investigadores do 'Seminario Menéndez Pidal' foram-me proporcionando elementos para esboçar uma classificação do Romanceiro português. De facto, nesses anos em que, em Madrid, se organizavam os três primeiros—e únicos—volumes do *Catálogo General del Romancero*<sup>44</sup> foi feita uma reorganização do Arquivo de Menéndez Pidal e, nessa reorganização, preparou-se uma nova classificação do Romanceiro

Pan-hispânico, atribuindo a cada tema um número. Adoptei, imediatamente, esse sistema e logo no meu primeiro romanceiro, publicado em 1982, tive a oportunidade de usar o 'Índice Geral do Romanceiro Pan-hispânico'<sup>45</sup>. Nesse mesmo ano, iniciei o meu arquivo documental do Romanceiro português, hoje composto por mais de doze mil documentos. Nele, cada versão, devidamente classificada, é arquivada, juntamente com todas as suas reedições, numa única pasta. Nessa pasta descreve-se o seu conteúdo a partir de uma ficha extraída de uma base de dados com os seguintes campos: Classificação (tema principal e contaminações), Geografia (Província/Ilha, Distrito e Concelho), Descrição bibliográfica (autor, título, ano, página) e um campo para observações gerais.

Entre os projectos concluídos e dados à estampa, destacarei:

a) *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)*, Madrid, Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal, 2000. Nesta obra, tentei fornecer não só as publicações localizadas em bibliotecas nacionais e estrangeiras, contendo romances (615 entradas), como também a fortuna editorial de cada versão, devidamente classificada.

b) *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*, 4 vols. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, 2001, 2002 e 2003. Ainda falta publicar o quinto e último volume dedicado ao romanceiro religioso. Nos quatro volumes até agora publicados, divulgam-se todas as versões incluídas na *Bibliografia* publicadas desde Garrett até ao romanceiro póstumo de Leite. Cobre, assim, as primeiras etapas da recolha em Portugal e reproduz a fortuna editorial de cada versão fixada pela lição mais autorizada recorrendo, sempre que possível aos manuscritos.

c) Edição fac-similada do *Romanceiro Geral Portuguez* de Teófilo Braga (Lisboa, 1982) e a edição crítica de *Lendas e Romances* de Tomás Pires. São dois exemplos de um projecto que, infelizmente, não foi possível prosseguir dado o enorme desinteresse das casas editoras<sup>46</sup>.

Como acima escrevi, graças a Manuel da Costa Fontes e ao 'Primer cursillo', ministrado pelo Seminario Menéndez Pidal, pude aperceber-me de que a tradição ainda estava viva. Em simultâneo, à medida que prosseguia o meu trabalho de inventariar o Romanceiro português, apercebia-me de que existiam áreas, inexplicavelmente, pouco exploradas<sup>47</sup>. Assim, tomei como propósito pesquisar a tradição oral moderna portuguesa<sup>48</sup> e, sempre que

possível, trabalhar em áreas poucos investigadas. Madeira e Açores, e os distritos de Vila Real, Bragança, Porto, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Coimbra, Leiria, Portalegre, Beja e Faro contribuíram, de forma desigual, com novas versões alcançando, actualmente, um número superior a 4.000 versões. Desta colecção, cerca de 50 % ainda não foram dadas à estampa<sup>49</sup>.

Também procurei, com alguns dos meus trabalhos, contribuir para um melhor conhecimento do Romanceiro, assim: i) tentei historiar a balada portuguesa em diversos estudos<sup>50</sup>; ii) procurei dedicar algumas páginas ao conhecimento de pioneiros do Romanceiro português como Almeida Garrett, Teófilo Braga e António Tomás Pires<sup>51</sup> e iii) procurei encontrar alguns elementos caracterizadores da tradição oral moderna portuguesa<sup>52</sup>.

*O contributo, para o Romanceiro português, de outros investigadores*

Na esteira do interesse pela tradição oral moderna, outros pesquisadores foram contribuindo para o conhecimento e divulgação do Romanceiro português. José Joaquim Dias Marques, logo no início dos anos 80, coligiu baladas na tradição dos concelhos de Vinhais, Bragança e Vimioso. Segundo os seus próprios dados, a sua colecção alcança as 1269 versões de 155 temas romancísticos. “Esta recolha encontra-se na sua maior parte inédita; dela publicámos apenas 53 versões em alguns artigos”<sup>53</sup> A este professor da Universidade do Algarve devemos a importantíssima descoberta dos manuscritos de Estácio da Veiga<sup>54</sup>, também, na esmagadora maioria das suas versões, inédita. Como se sabe, o *Romanceiro* de Estácio, na forma em que foi editado pelo seu autor, em 1870, tem muito pouco interesse para o conhecimento do Romanceiro oral, pese embora a sua variedade e, nalguns casos, raridade temática. O aparecimento dos manuscritos de Estácio, tal como nos mostrou Dias Marques, augura-nos a aparição de verdadeiras jóias do Romanceiro Pan-hispânico.

Para além de Dias Marques, no domínio do trabalho de campo, destacaria:

- a) *Em território transmontano*. i) As três recolhas efectuadas por Candace Slater (24 de Maio a 3 de Junho e de 21 a 28 de Junho de 1980), Samuel G. Armistead (14 a 17 de Julho de 1980) e a de Israel J. Katz e Zília Osório de Castro (16 a 21 de Setembro de 1988), respectivamente, reunidas num volume intitulado *Cancioneiro Tradicional de Trás-os-Montes* (Madison, 1998); ii) a notável colecção

recolhida entre 1978 e 1983 por Anne Caufriez e publicada com o título *Romances du Trás-os-Montes*, 2 vols., (Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1997); iii) a recolha de Berta Beça incluída na sua tese de doutoramento (*Romanceiro de Bragança. Sa spécificité et son insertion dans le romanceiro général*, Bordéus, Université de Bordeaux III, 1998).

b) *Em território beirão*. i) José Pires da Cruz edita cerca de 200 versões<sup>55</sup>, recolhidas nos concelhos de Belmonte, Covilhã, Fundão, Penamacor, Idanha-a-Nova e Castelo Branco, na obra *Romanceiro Tradicional da Beira Baixa* (Idanha-a-Nova, Câmara Municipal, 1995); ii) Maria da Ascensão Gonçalves Carvalho Rodrigues edita, em três volumes, um interessante *Cancioneiro Cova da Beira*. Nos três volumes encontramos romances, se bem que é no segundo, com o subtítulo *Romanceiro*, que se encontra a maior parte do fruto da sua recolha nesta área beirã. Centrou a sua pesquisa no Ferro, mas coligiu versões em freguesias como Boídobra, Covilhã, Peso, Teixoso, Tortosendo, Peroviseu, Peraboia, entre outras.

c) *Em território alentejano*. As interessantes pesquisas de Ruy Ventura, na Serra de São Mamede<sup>56</sup> e o belíssimo trabalho de Carlos Teiga, numa área pouquíssimo explorada (Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines)<sup>57</sup>, com apenas nove versões publicadas<sup>58</sup> até à aparição desta obra.

d) *Em território madeirense*. São de destacar os trabalhos de campo realizados pela Associação Musical e Cultural Xarabanda<sup>59</sup>.

Os estudos mais importantes, publicados durante este período, saíram da forja de universitários e não raro foram trabalhos que resultaram de uma investigação académica. Assim, à hispanista Teresa Araújo—que assegura a continuidade do Romanceiro na Universidade Nova de Lisboa—deve este género algumas das mais sólidas investigações realizadas nos últimos anos. Na sua tese de mestrado procurou estudar os limites geográficos dos dois modelos do romance “O parto em terras longínquas”, em Portugal<sup>60</sup>. Graças à sua tese de doutoramento, dispomos de um dos mais circunstanciados estudos sobre o papel de Teófilo Braga no Romanceiro<sup>61</sup>. Ainda a esta estudiosa devemos uma belíssima introdução ao Romanceiro açoreano (*Subsídios para a História do Romanceiro Açoreano*, Angra do Heroísmo-Lisboa, 2002) e um erudito ensaio que reúne, entre outros, estudos dispersos dedicados ao romanceiro velho, à presença do romanceiro em Gil Vicente (*Portugal e Espanha: Diálogos e Reflexos Literários*, Faro-

Lisboa, CELL-IERVT, 2004). Sob a sua orientação, Sandra Boto prepara uma edição crítica do *Romanceiro* de Garrett tendo em conta os manuscritos depositados na Universidade de Coimbra e os recém aparecidos pertencentes à família Futscher Pereira<sup>62</sup>. Foram relevantes, também, as teses de mestrado de Cristina Carinhas e Cristina Basílio, dedicadas, respectivamente, ao *Romanceiro* ilhéu e à *Revista Lusitana*<sup>63</sup>. Recentemente, na Universidade de A Coruña, uma estudante graduada portuguesa defendeu uma tese de doutoramento dedicada ao léxico do *Romanceiro* português. Com uma aplicação feita para esta investigação, apresentou Natália Pires um trabalho extremamente inovador e que nos permite, a partir de agora, conhecer cientificamente o vocabulário do *Romanceiro* português da tradição oral moderna<sup>64</sup>.

### *Um breve balanço*

Como pudemos ver, ao analisar a história do *Romanceiro* na segunda metade do século passado, houve a mais perfeita sintonia entre a ênfase posta no estudo do *Romanceiro* da tradição oral moderna e o interesse pela recolha. Ao peso dado pela crítica à tradição moderna, correspondeu um profundo apoio à colecta. E, se por um lado confirmávamos que o *Romanceiro* ainda estava vivo, por outro, o enriquecimento crítico fornecido por algumas das novas versões recolhidas—na realidade, muito menor do que aquilo que normalmente se admite—ia dando novas razões para uma dialéctica que nos remetia, cada vez mais, para o presente, e nos afastava, paulatinamente, do interesse pela tradição antiga. Também os métodos quantitativos, utilizados, neste domínio, de forma pioneira por Braulio do Nascimento e Diego Catalán, não deixaram de estar, consciente ou inconscientemente, intimamente ligados ao desenvolvimento das recolhas. Outra das dificuldades apresentadas por um género cuja forma ostentava profundas alterações estruturais—penso essencialmente na variação da sua intriga—encontrou um auxiliar de peso mediante a possibilidade de se recorrer à semiótica e com ela sequenciar, com precisão, as suas narrações. Por sua vez, o desenvolvimento da informática proporcionava invulgares condições para a análise de milhares de versões, superando-se, mediante a técnica, muitas das limitações que impediam estudos de grande magnitude: as novas tecnologias, utilizadas essencialmente para registar a voz—e a imagem—e auxiliar, mediante programas específicos, a análise das múltiplas

versões, foram decisivas nos últimos anos do século passado e um constante estímulo a uma incessante revitalização das pesquisas de campo.

Defensor, desde sempre, da pesquisa directa e consciente da dificuldade, cada vez maior, de encontrar bons informantes, continuo e continuarei a pugnar pela recolha. Há que, contudo, ter bem presente que nem todas as versões recolhidas são boas versões, nem nunca perder de vista que as baladas conservadas na memória colectiva e cantadas pelos informantes não são entidades intocáveis. A sacralização a que foram votadas mediante transcrições extremamente fidedignas mas, paradoxalmente, nalguns casos, profundamente desvirtuadoras da tradição, deve-nos obrigar a pensar e a assumir os graves erros cometidos durante a segunda metade do século XX. A real representação de um testemunho não o transforma num testemunho verdadeiro. Cabe ao especialista, como não poderia deixar de ser, tomar opções, decisões. Assim, mais versões não significa, forçosamente, melhores versões.

Deste modo, os interessantíssimos postulados dos anos sessenta, que reagiram contra o profundo desprezo da erudição pelas versões modernas, correm o sério risco de serem abusivamente lidos e, por esta via, dedicar exclusivamente a atenção dos estudos à tradição moderna. Aliás, em plena harmonia com os tempos modernos—valorizadores do Presente—o Romanceiro passou a ser um género actual simplesmente porque ainda hoje é cantado.

Corre-se o risco de eliminar a História. E com essa abolição—que tem caracterizado muito da crítica contemporânea—far-se-ão, também aqui, profundos estragos: quando se perde a História perde-se a sua própria história.

A importante transformação operada nos anos sessenta, e que até há bem pouco tão bons frutos dera, entrou na perigosa via—consentânea com o pensamento actual—de assentar apenas no Presente e, desta forma, da perda do seu próprio sustentáculo: a Tradição. Os paupérrimos caminhos de oportunísticas interdisciplinaridades começaram a aproximar-se do Romanceiro e, parece, sairão vitoriosos.

Deixará o Romanceiro de interessar por si próprio? Viverá apenas por absurdas relações com a ecologia, ou por questões de género, ou por inconsequentes questões pseudo-patrimoniais ou pela defesa de afectados populismos?

A História dará a resposta (e não sei qual será!).



## NOTES

1. Este estudo foi preparado no âmbito do programa de investigações da Fundación Ramón Menéndez Pidal, do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional e do Instituto de Estudos sobre o Romancero Velho e Tradicional.
2. Na década de 50, António Rodríguez Moñino, observando a necessidade de renovar o conhecimento bibliográfico do Romancero quinhentista, tratou de, durante essa década e a seguinte, dar à estampa importantíssimos cancioneiros e romanceros imprescindíveis para o conhecimento do Romancero impresso no século XVI. Com esta tarefa, Rodríguez Moñino procurou sistematizar e divulgar a transmissão impressa deste género poético, analisando as relações entre os vários cancioneiros e as consequentes filiações das versões neles contidas. Por seu turno, forneceu, ainda, elementos decisivos para uma melhor aproximação aos textos do Romancero medieval, pois, como se sabe, poucas são as textualizações conhecidas anteriores a mil e quinhentos. Uma nota mais para salientar a importância que teve para o Romancero o trabalho de Moñino: reforçou a integração do Romancero no sistema literário ao estudá-lo como mais um género da poesia do Século de Ouro. Destaco de entre a sua vastíssima bibliografia o *Especo de Enamorados*, a *Flor de Enamorados*, a *Silva de varios romances* de 1561, a *Segunda parte del Cancionero general de Zaragoza*, 1552, o *Cancionero general recopilado por Hernando del Castillo (Valencia 1511)*, bem como, para o Romancero Novo, os doze volumes de "Las Fuentes del Romancero General (Madrid 1600). Este trabalho inicial será continuado na década seguinte, publicando as várias *Rosas* de Joan Timonedá e o início de uma série intitulada "Colección de Romanceros del Siglo de Oro" onde editará o *Cancionero de romances* de Antuérpia (1550) e o *Cancionero de romances* de Sevilla (1584), o *Romancero historiado* de Lucas Rodríguez, a *Historia y romancero del Cid* de Escobar e a *Primavera de romances* de Francisco de Segura. Corolário de toda a sua investigação científica serão os indispensáveis *Diccionario de Pliegos Suellos Poéticos (siglo XVI)*, de 1970, e o *Manual bibliográfico de Cancioneros y Romanceros impresos en el siglo XVI*, em dois volumes, de 1973 e o *Manual bibliográfico de Cancioneros y Romanceros impresos en el siglo XVII*, também em dois volumes, publicado em 1977 e 1978.
3. "Processos de variação do Romance", *Revista Brasileira de Folclore*, IV, 1964, pp. 59-125 e "As seqüências temáticas no romance tradicional", *Revista Brasileira de Folclore*, VI, 1966, pp. 159-190.
4. *Sincronia e diacronia nel Romanzero*, Pisa, 1967.
5. É claro que Bénichou, já na década de 50, escrevera: "l'étude du romance espagnol et des chansons françaises de la Dame délivrant son ami et la Bergère au chant merveilleux nous montre la tradition se renouvelant par le déplacement et le réemploi des fragments des textes tout faits. Ce procédé a été observé depuis longtemps, mais le nom de "contamination" qu'on lui a donné en dissimule peut-être l'importance et le caractère véritable. Le texte authentique n'est pas en poésie traditionnelle une réalité aussi solide qu'en poésie lettrée, moderne ou médiévale; le mélange des textes, dans la tradition orale, n'est pas une contamination, avec ce que ce mot suggère d'irrégulier ou de choquant: c'est un mode d'invention et de création normale. Les érudits l'appellent contamination quand ils saisissent sur le vif, quand ils peuvent dire les sources différentes des matériaux que la tradition mêle, et quand ce mélange donne un résultat médiocre. Mais qui peut nous dire, parmi les réussites les plus 'pures' des chansons populaires que nous avons reçues de la tradition, combien ne doivent pas l'existence à quelque ancienne et heureuse combinaison d'éléments divers? C'est en tous cas un procédé constant de la poésie traditionnelle de faire figurer le même fragment en plusieurs lieux, avec plusieurs emplois possibles et un bonheur selon les cas." ("La belle qui ne saurait chanter: Notes sur un motif de poésie populaire", *Revue de Littérature Comparée*, XXVIII, 1954, p. 281). No entanto, estas ideias serão claramente sistematizadas em *Creación poética en el romancero tradicional*, Madrid, Gredos, 1968.
6. Para melhor se entender o papel de Diego Catalán, leia-se o seu artigo "Memoria e invención

en el Romancero de tradición oral", *Romance Philology*, XXIV (1970-71), 1-25 e 441-463.

7. *Ibidem*.

8. *Ibidem*.

9. É interessante observar como este autor foi inflectindo, após o estudo da variação, o seu caminho, procurando, agora, compreender a outra face da mesma moeda, isto é: a invariante. Cf. "Literatura oral: Limites da variação", Separata das *Actas do IX Encontro Nacional de ANPOIJ*. (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), Rio de Janeiro, 1994 e "Invariantes, paráfrasis y variantes en la literatura oral", *Anales de Literatura Hispanoamericana*, XXX, 2001, pp 37-51.

10. Diego Catalán, "Memoria e invención...". Cito pela edição deste artigo no livro *Arte poética del romancero oral. Parte 1a. Los textos abiertos de creación colectiva*, Madrid, Siglo Vientiuno de España Editores, S.A., 1997, p.75.

11. *Op.cit.*, p. 77.

12. Publicada com o título "A caza de romances raros en la tradición portuguesa" *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Lisboa, 1957)*, I, Lisboa, 1959, pp. 445-477. Cito pela versão revista, editada como capítulo do livro *Por campos del romancero. Estudios sobre la tradición oral moderna*, Madrid, Gredos, 1970, pp. 228-269, deste mesmo autor. Cf., em especial, as páginas 228-230.

13. *Op.cit.*, p. 229.

14. Exceptuem-se nomes, entre outros, como os de José Augusto Tavares ("Romanceiro Transmontano", *Revista Lusitana*, VIII (1903-1905), pp. 71-80 e IX (1906), pp. 277-323), Firmino A. Martins (*Folklore do Concelho de Vinhais*, I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928 e II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1938) ou Francisco M. Alves, Abade de Baçal ("Cancioneiro Popular Bragançano" in *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança X*, Porto, Tipografia da Empresa Guedes Lda., 1938, pp. 347-585) responsáveis por dar a conhecer excelentes colecções transmontanas.

15. *Adozinda*, Londres, Em casa de Booscy and Son, 1828; *Romanceiro e Cancioneiro Geral. I. Adozinda e Outros*, Lisboa, Typ. da Soc. Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1843; *Romanceiro*, II e III, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1851.

16. Eis algumas das obras principais de Teófilo Braga: *Romanceiro Geral Colligido da Tradição*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867; *Cantos Populares do Archipelago Açoriano*, Porto, Livraria Nacional, 1869. Reedição facsimilada, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982; Sylvio Romero, *Cantos Populares do Brazil, acompanhados de Introdução e Notas Comparativas por Theophilo Braga*, II, Lisboa, Nova Livraria Internacional-Editora, 1883; Theophilo Braga, *Romanceiro Geral Portuguez*, 2ª ed., I: *Romances heroicos, novellescos e de aventuras*, Lisboa, Manuel Gomes, 1906. Reedição facsimilada, Lisboa, Vega, 1982; *Romanceiro Geral Portuguez*, 2ª ed., II: *Romances de aventuras, historicos, lendarios e sacros*, Lisboa, Manuel Gomes, 1907. Reedição facsimilada, Lisboa, Vega, 1985; *Romanceiro Geral Portuguez*, 2ª ed., III: *Romances com forma litteraria do seculo XV a XVIII*, Lisboa, J. A. Rodrigues & Co., 1909. Reedição facsimilada, Lisboa, Vega, 1985.

17. *Romanceiro do Algarve*, Lisboa, Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1870.

18. *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, Funchal, Voz do Povo, 1880.

19. Selecciono algumas publicações de Tomás Pires com romances: "Lendas & Romances (recolhidos da tradição oral na província do Alentejo)", *A Tradição*, I, 1899, pp. 71-74, 93-94, 119, 157, 182-184. Reedição facsimilada, Serpa, Edição da Câmara Municipal, 1982; "Lendas & Romances (recolhidos da tradição oral na província do Alentejo)", *A Tradição*, II, 1900, pp. 28-29, 106-107. Reedição facsimilada, Serpa, Edição da Câmara Municipal, 1982; "Lendas & Romances (recolhidos da tradição oral na província do Alentejo)", *A Tradição*, III, 1901, pp. 42-44, 91-92, 143-144, 148-150, 166, 169. "Lendas & Romances (recolhidos da tradição oral na

provincia do Alentejo)". *A Tradição*, IV, 1902, pp. 14-15, 32, 38-41, 58-60, 75-76, 90-92, 110-112, 127-128, 143-144, 159-160, 176. Reedição facsimilada, Serpa, Edição da Câmara Municipal, 1982; "Miscellanea Folk-lorica", *Revista do Minho*, XV, n.ºs. 11-17, 22, 23, 25-30, 1900-1901, pp. 84-101, 105-112, 117-136, 172-182 [184], 193 [195]-238 [240]; *Lendas e Romances (recolhidos da tradição oral na provincia do Alentejo)*, Elvas, Antonio José Torres de Carvalho, 1920; 2a. ed. Lisboa, Editorial Presença, 1986.

20. Eis algumas das principais obras de José Leite de Vasconcellos dedicadas ao Romancero ou que incluem romances: *Romances Populares Portuguezes*, Barcellos, Typ. da Aurora do Cavado, 1881; *Romanceiro Portuguez*, Biblioteca do Povo e das Escolas, n.º 121, Lisboa, David Corazzi, 1886; *Opúsculos. VII. Etnologia (Parte II)*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1938; *Romanceiro Português*, 2 vols., Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1958 e 1960.

21. Para o conhecimento das versões incluídas nestas dissertações, cf. os até agora quatro volumes do *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*, dados à estampa pela Fundação Calouste Gulbenkian, sob a direcção de Pere Ferré, entre 2000 e 2004.

22. Cf. "Prefácio" in *Romanceiro Tradicional das Ilhas dos Açores*, I, recolha de Joanne B. Purcell, estudo preliminar de Joanne B. Purcell, organização de Samuel G. Armistead, Cristina Carinhas, Pere Ferré e Manuel da Costa Fontes, transcrições musicais de Israel J. Katz, Governo Regional dos Açores-Universidade Nova de Lisboa, Angra do Heroísmo-Lisboa, 2002, p. 10.

23. Intitulou-se a sua tese, ainda inédita, "The 'Cantar de la muerte del Rey don Fernando' in Modern Oral Tradition: Its Relationship to Sixteenth-Century Romances and Medieval Chronicles", Universidade da Califórnia, Los Angeles, 1976. Nesse mesmo ano publicará ainda sobre este romance o "Recently Collected Ballad Fragments of the Death of Don Fernando I" in *As Tradições Oraís Portuguesas e Brasileiras em Verso*, Los Angeles, 1976, pp. 158-167.

24. Presidiu a este critério a urgência de Diego Catalán, que então preparava o seu *Catálogo General del Romancero*, em poder dispor do maior número de versões possíveis de tema épico e histórico para melhor poder fundamentar as suas análises semióticas. Como é sabido, publicou-se apenas a parte inicial deste projecto—temas épicos e históricos. O romancero carolíngio não chegou a ser concluído. Cf. Diego Catalán et alii, *Catálogo General del Romancero. Teoría general y metodología del romancero pan-hispánico. Catálogo General Descriptivo*, 3 vols., Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1982, 1983 e 1984.

25. *Novo romanceiro português das ilhas atlânticas*, organizado por Isabel Rodríguez-García e João das Pedras Saramago, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1987.

26. Cf. nota 21. A transcrição de grande parte da recolha romancística—aquela a que teve acesso Cristina Carinhas—encontra-se concluída. Infelizmente, os inúmeros afazeres do coordenador deste projecto não permitiram que se concluisse o propósito de divulgação deste espólio.

27. *Romanceiro Português dos Estados Unidos II: Califórnia*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1983, p. XIV.

28. Todas estas obras foram publicadas pela Universidade de Coimbra. Este monumental trabalho constitui um dos mais relevantes contributos para o conhecimento da tradição oral moderna portuguesa. Se os romanceros da emigração nos fornecem, por ventura, os derradeiros testemunhos deste género entre a diáspora portuguesa, os preparados a partir dos trabalhos de campo realizados em São Jorge e Bragança, para além da magnitude do seu corpus—especialmente o brigantino—, não sei se não testemunharão também o fim de uma secular tradição. Em posteriores incursões efectuadas nos finais da década de 90 os resultados obtidos distavam já muito dos fornecidos nestas obras.

29. *Folklore and Literature. Studies in the Portuguese, Brazilian, Sephardic, and Hispanic Oral Traditions*, Albany, New York, State University, 2000.

30. Ana Valenciano, *Os romances tradicionais de Galicia. Catálogo exemplificado dos seus temas*,

Madrid–Santiago de Compostela, Centro de Investigaci3es Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro / Fundaci3n Ramón Menéndez Pidal, 1998.

31. *O Romanceiro Portuguê e Brasileiro: Índice Temático e Bibliográfico*, 2 vols., Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1997.

32. <http://depts.washington.edu/hisprom/espanol/biblio/biblioaction.php>.

33. *El romancero judeo-español en el Archivo Menéndez Pidal (Catálogo-índice de romances y canciones)*, 3 vols., Madrid, Cátedra Seminario Menéndez Pidal, 1978.

34. Sobre estes projectos falarei adiante pelo que me abstenho, neste ponto, de fazer mais considerações.

35. As Universidades do Porto e de Lisboa incluíram, no seio da sua estrutura curricular, disciplinas dedicadas ao estudo da literatura *marginalizada*, (na feliz express3o de Arnaldo Saraiva, que aliás assim intitula dois importantíssimos livros, decisivos para compreendermos a época, em 1975 o primeiro, em 1980 o segundo. Não deixa de ser curioso, também, o Instituto de Cultura Portuguesa (ex- Instituto de Alta Cultura) publicar, em 1978, um livro de Viegas Guerreiro intitulado *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*. Paradoxalmente, ou talvez não, a autonomia disciplinar que lhe foi concedida, aprofundou, a meu ver, a sua marginalizaç3o, nas universidades portuguesas. O carácter próprio que lhe foi outorgado relegou-a para um gueto, tornando-a, ao mesmo tempo, tão inofensiva quão pouco importante. As razões da sua marginalizaç3o, anteriores a Abril, acabaram por manter-se de uma forma muito mais subtil. Assim, independentemente dos grandes trabalhos realizados nestes últimos quase quarenta anos, nunca alcançaram o seu justo lugar no ‘cânone’ da cultura portuguesa.

36. Este sentimento corresponde à vis3o que do género tinham os positivistas. Veja-se, para Portugal, o pensamento de Carolina Michaelis de Vasconcelos em “Estudos s3bre o Romanceiro Peninsular: Romances Velhos em Portugal”, *Revista Lusitana*, II, 1890–1892, pp. 156–179, 193–240.

37. Será interessante fazer um estudo sobre a produç3o académica (teses de mestrado e doutoramento) nestes domínios. Dado que a exist3ncia de áreas científicas relacionadas com a literatura ‘popular’ e tradicional é comum a quase todas as universidades portuguesas este estudo merece ser objecto de um projecto de investigaç3o.

38. João David Pinto-Correia, *Romanceiro Tradicional Português*, Lisboa, Editorial Comunicaç3o, 1984, p. 70. Para além de um vastíssimo número de estudos dedicados a este género poético, destaco a sua tese de doutoramento, defendida em 1988 e publicada sob o título *Os Romances Carolíngios da Tradiç3o Oral Portuguesa*, 2 vols. Lisboa: INIC, 1993–1994.

39. *Romanceiro Oral da Tradiç3o Portuguesa*, Lisboa, Ediç3es Duarte Reis, 2003.

40. *Romanceiro Popular Português*, 2 vols., Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, INIC, 1987–1988.

41. Idália Farinho Cust3dio e Maria Aliete Farinho Galhoz, *Mem3ria Tradicional de Vale Judeu*, 2 vols., Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1996–1997 e Idália Farinho Cust3dio, Maria Aliete Farinho Galhoz e Isabel Cardigos, *Patrim3nio Oral do Concelho de Loulé*. Romances, II, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 2006.

42. Cf. nota 27.

43. Nesta visita percebi mais claramente a classificaç3o pidalina bem como pude observar as vers3es judaico-espanholas, classificadas por Armistead, no seu *Catálogo judeo-español* do qual tive notícia por Fontes.

44. Cf. nota 23. Sobre o ingente trabalho de investigaç3o realizado por esta instituiç3o durante este período cf. *Romancero e Historiografía medieval. Dos campos de investigaci3n del Seminario ‘Menéndez Pidal’*, Madrid, Fundaci3n Ramón Areces-Fundaci3n Ramón Menéndez Pidal, 1989.

45. *Romances Tradicionais*, Funchal, Ediç3o da Câmara Municipal, 1982.

46. O objectivo de colocar à disposição da crítica obras de difícil acesso encontra-se colmatado pelo projecto editorial acolhido pela Fundação Gulbenkian. Neste ano em que se comemoram os 150 anos do nascimento de José Leite de Vasconcelos, será publicada uma edição fac-similada do seu *Romanceiro Popular Portuguez* de 1886.

47. O distrito de Bragança desde muito cedo suscitara o interesse dos investigadores. No entanto, Vila Real, até 1982, contava apenas com 84 versões. O mesmo se podia dizer de Viseu, que não ultrapassava as 123 versões. Hoje em dia, podemos contar com mais 1245 versões de Vila Real e 933 de Viseu.

48. Para um melhor conhecimento das recolhas que dirigi cf. Pere Ferré, *Arquivo do Instituto de Estudos sobre o Romanceiro Velho e Tradicional. Inventário das versões inéditas (1976-1995)*, Lisboa, I.E.R.V.T, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1996. Preparo uma nova versão deste opúsculo.

49. Entre os romanceiros editados destaco, para além do já mencionado na nota 44, o *Romanceiro Tradicional do Distrito de Castelo Branco*, I, Santiago do Cacém- Lisboa, Real Sociedade Arqueológica Lusitana - Estar Editora, 1987; *Romanceiro Tradicional do Distrito da Guarda*, I, Santiago do Cacém - Lisboa, Real Sociedade Arqueológica Lusitana- Estar Editora, 1987; com Ana Maria Martins, *Romanceiro Tradicional do Distrito de Beja*, I, Santiago do Cacém - Lisboa, Real Sociedade Arqueológica Lusitana - Estar Editora, 1988. Ainda neste ano, no âmbito das comemorações dos 500 anos da cidade do Funchal, foi dado à estampa o *Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, organizado por Sandra Boto. Esta obra reuniu as versões já publicadas em 1982 e as cerca de 300 inéditas, recolhidas em 1983. Todos os registos magnéticos das recolhas por mim dirigidas foram doados à Fundação Menéndez Pidal, a fim de enriquecer o fundo português inaugurado com o espólio de Joanne B. Purcell.

50. Destaco o publicado no estudo introdutório ao primeiro volume do *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, capítulo V das "Questões Prévias", editado entre as páginas 65 e 112 (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000) e "Etapas en la edición del Romancero português" in *Tradiciones discursivas. Edición de textos orales y escritos*, Ramón Santiago, Ana Valenciano e Silvia Iglesias (og. de), Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 2006, pp. 87-100.

51. Os estudos que tenho dedicado a Garrett incidem, principalmente, na análise das suas fontes ("Influências de Agustín Durán e Eugenio de Ochoa no Romanceiro de Almeida Garrett" in *Literatura portuguesa e literatura española. Influencias y relaciones. Cuadernos de Filología*, València, Depto. de Filología Española, Facultad de Filología, Univ. de València, 1999, pp. 275-299) ou em questões de edição ("Editing Problems of the *Romancero*: The Romantic Tradition" in *The Politics of Editing*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1992, pp. 110-124; "Oralidad y escritura en el romancero português", in *Textualización y oralidad*, Madrid, Instituto Universitario Menéndez Pidal-Visor Libros, 2003, pp. 127-156; "Breves notas em torno do Romanceiro de Almeida Garrett" in *Almeida Garrett, um Romântico, um Moderno*, I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, pp. 315-327. Sobre T. Braga cf. "Nota Prévia" in Teófilo Braga, *Romanceiro Geral Português*. Edição fac-similada, Lisboa, Vega, 1982, pp. IX-LVII e "Problemas textuais do Romanceiro Português: algumas notas" in *Quaderni Portughesi*, 11-12, Primavera-Outono de 1982, pp. 39-66. Sobre Tomás Pires cf. "Introdução" a *Lendas e Romances. Uma edição crítica*, Lisboa, Editorial Presença, 1986, pp. 35-51.

52. Cf. a minha tese de doutoramento *Estratégias Dramatizadoras do Romanceiro Tradicional Português*, Universidade Nova de Lisboa, 1987.

53. José Joaquim Dias Marques, "Algumas palavras sobre as recolhas inéditas do Romanceiro em Trás-os-Montes" in *Actes del Col.loqui sobre cançó tradicional. Reus, setembre 1990* (org. por Salvador Rebés), Montserrat, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1994, p. 597. Cf. este importantíssimo artigo, para melhor se poder aquilatar as últimas recolhas feitas em Trás-os-Montes.

54. Cf. "Os manuscritos do *Romanceiro do Algarve* de Estácio da Veiga existentes no Museu

Nacional de Arqueologia”, *O Arqueólogo Português*, IV série, 11/12 (1993/94) e a sua tese de doutoramento, defendida na Universidade do Algarve, intitulada *A Génese do Romanceiro do Algarve de Estácio da Veiga*. Infelizmente, são poucos os textos transcritos e estudados. Urge, pois, preparar uma edição crítica ou, então, uma simples fixação dos manuscritos, pois tarda já a sua divulgação.

55. Nem todas as versões, das 280 editadas, são romances.

56. “Breve Romanceiro dos concelhos de Marvão e de Portalegre”, *Ibn Maruán*, IV, Dezembro de 1994, pp. 43–65 e “Romances, Orações e Cantigas Narrativas da Serra de São Mamede (Algumas versões inéditas)”, *A Cidade*, Nova Série, XI, 1966, pp. 199–225.

57. *Romanceiro e Oracioneiro da Tradição Oral do Sudoeste Alentejano*, Santiago do Cacém, Edição de Autor, 2005.

58. Duas de Santiago do Cacém e sete de Sines. Cf. Pere Ferré e Cristina Carinhas, *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828–2000)*, Madrid, Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal, 2000.

59. Avelino Sousa, Daniela Sousa e Horácio Gonçalves, “Histórias da Camacha”, III, 1º semestre de 1993, pp. 44–49 e “Histórias da Camacha-II”, *Xarabanda*, IV, 2º semestre de 1993, pp. 41–41. Jorge Torres (org. de), *Recolhas Xarabanda, I: Romances Tradicionais e Cantigas Narrativas*, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, 1995.

60. *Arcaísmo e Criação no Romance ‘Casada em Terras Longínquas’*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1990.

61. Teófilo Braga e o Romanceiro de Tradição Oral Moderna Portuguesa. *Questões de História e Teorização*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2000.

62. Veja-se também desta investigadora o artigo intitulado “Problemas da edição do Romanceiro”, url: [www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/viewFile/5820/3424](http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/viewFile/5820/3424)

63. Ana Cristina Porfírio Carinhas, *Romanceiro das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira (1825–1960)*, 2 vols., Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1994 e Cristina de Fátima Seixas Basílio, *Revista Lusitana. Arquivo Nacional do Romanceiro*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1994.

64. *O Léxico do Romanceiro da Tradição Oral Portuguesa (1828–1960)*, Universidade de A Coruña, 2007.